



<http://doi.org/10.7213/2318-8065.05.02.p39-53>

O Coronavírus e a vontade de poder: uma leitura nietzschiana sanguíneo-vascular

Coronavirus and the will to power: a blood vascular Nietzschean reading

Everton Nery Carneiro*
Marcelo Máximo Purificação**
Emerson Nery Carneiro***

Resumo

É preciso compreender o que é um vírus e principalmente sua ação. Assim, trabalhamos o referencial nietzschiano, que intenta a construção de uma base teórica para fundamentar sua hermenêutica/perspectiva sobre a vida, sendo esta na vida, inexistido separação nítida/perceptível entre ciência, teologia, arte e filosofia. Seguiremos aqui com a biologia (ciência), não divorciada da teologia, visando fundamentar a concepção de vontade-de-poder, numa dimensão filosófica. Na primeira parte, desenvolvemos a compreensão de que caos e cosmo (teologicamente e filosoficamente) são indispensáveis na constituição orgânica e inorgânica, entendendo que o mundo é um caos eterno e qualquer projeção de padrão, ordem ou objetivo é um mero antropomorfismo. Assim, entendemos que a luta, o polemos está estabelecido e, tudo isso pode ocorrer antes mesmo do corpo apresentar quaisquer sinais de enfermidades. Na segunda parte, retomamos o conceito de “eterno retorno”, degustando o aforismo 341. Eterno retorno, que é uma construção filosófica nietzschiana, construído a partir da compreensão teológica de Eclesiastes 2. Por último movimento do texto, apresentamos o para não concluir, que a guisa de um final de artigo, produz pontos elucidativos, aqui um ao qual destacamos: A vontade-de-poder trabalha uma hermenêutica ao constituir o mundo como uma relação entre campos de força instáveis e em constante conflito e autoconfiguração.

Palavras-chave: Vontade de poder. Vírus. Hermenêutica. Nietzsche. Pandemia.

* Docente da Universidade do Estado da Bahia. Pós-doutor em Educação (UFC); Doutor e Mestre em Teologia (EST); Especialização: Educação, Desenvolvimento e Políticas Públicas (FACIBA); Filosofia Contemporânea (Faculdade São Bento); Ética, Educação e Teologia (EST); Graduação: Geografia (UEFS); Filosofia (FBB); Teologia (STBNe). Membro do GEPERCS (Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação, Religião, Cultura e Saúde); Professor Permanente do Mestrado profissional em Intervenção Educativa e Social. Coordenador da Linha de Pesquisa 02 – Novas Formas de Subjetivação e Organização Comunitária. Autor dos livros: "Mitologia Grega e Bíblica - Narrativas de transgressão"; "Filosofia, Teologia e Poesia"; "Ética e Hermenêutica". ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4240-1246>. Contato: ecarneiro@uneb.br.

** Pós-Doutor em Educação pela Universidade de Coimbra/Portugal. Doutor em Ciências da Religião (PUC-Goiás), e Doutor em Ensino (UNIVATES). Professor Titular C-II na Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior FIMES/UNIFIMES. <https://orcid.org/0000-0002-4788-016X>. Contato: maximo@unifimes.edu.br.

*** Mestrando em Energia (Unifacs). Engenheiro de segurança do trabalho. (Escola de Engenharia Eletromecânica da Bahia); Engenheiro de Produção Mecânica (Unibahia); Biólogo (Fiar). <https://orcid.org/0000-0002-6944-2902>. Contato: emerson.nc@hotmail.com.



Abstract

It is necessary to understand what a virus is and, in general terms, its action. Thus, we work with the Nietzschean framework, which attempts to build a theoretical basis to support his hermeneutics / perspective on life, which is in life, there is no clear / noticeable separation between science, theology and philosophy. We will continue here with biology (science), not divorced from theology, aiming to base the conception of will-to-power, in a philosophical dimension. In the first part, we developed the understanding that chaos and cosmos (theologically and philosophically) are indispensable in organic and inorganic constitution, understanding that the world is eternal chaos and any projection of pattern, order or objective is a mere anthropomorphism. Thus, we understand that the struggle, the polemic, is established and all of this can happen even before the body shows any signs of illness. In the second part, we return to the concept of "eternal return", tasting the aphorism 341. Finally, we present the not to conclude that, as a way of concluding the article, produces elucidating points, one of them here highlighted: The will-to-power hermeneutically constitutes the world as a relationship between unstable force fields and in constant conflict and self-configuration.

Keywords: Will-to-power. Virus. Hermeneutics. Nietzsche. Pandemic.

Introdução

Iniciamos esse texto citando quatro tipos de conhecimento – o científico, o religioso, o artístico e o filosófico. Entende-se que o conhecimento é uma criação, cuja perspectiva é dominar a natureza, não sendo algo desinteressado. Essas formas de produção de conhecimento e expressões do pensar são diferentes maneiras de revelar o mundo, o ser humano e a cultura da sua época, sem perder de vista que estas dimensões se encontram em constante movimento. Nossa perspectiva está envolvida em um tipo de compreensão de que esses tipos ou expressões do conhecimento não estão em oposição ou contradição, assim pensamos junto à Nietzsche ao “ver a ciência com a óptica do artista, mas a arte, com a vida.” (NIETZSCHE, 2004, p.04). Faz-se necessário abordar aqui, que não se trata de interpretar Nietzsche ou usar seu pensamento, mas sim colocá-lo à serviço de um desvendar a realidade, pois o Nietzsche poeta não é diferente de Nietzsche filósofo e, ainda, tampouco do Nietzsche cientista. Eis que nos lançamos à questão desse artigo: como podemos estabelecer relação entre o Coronavírus e o conceito nietzschiano de vontade de poder?

Ao seguir esse caminho intuímos que o já citado filósofo, no que se refere ao seu questionamento sobre a racionalidade, não faz diferenciação entre a racionalidade da filosofia clássica e a racionalidade da ciência moderna. Acentua-se a essa compreensão que ambas possuem uma dimensão de arte e desta com a vida.

A razão, seja ela, a primeira citada ou a segunda, ao se depararem com o mundo imperfeito, pode lançar-se para além desse mundo, inclusive para corrigi-lo. Entre os diversos conceitos nietzschianos trabalhamos aqui nesse texto com a “vontade de poder” e eterno retorno do mesmo. A opção aqui é traduzir a expressão “*Wille zur Macht*” por “vontade de poder” e não por “vontade de potência” (tradução muito usada no Brasil, por forte influência francesa) por duas razões: 1ª – o termo utilizado por Nietzsche literalmente é poder (*Macht*); 2ª para potência, em alemão existem duas palavras que são “*potenz*” e “*leitzung*”; 3ª Nietzsche usa, substituindo a palavra “*macht*” (poder) por “*herrschaft*” ou “*beherrschung*” (domínio ou dominação). O problema está em: ao fazer a opção de traduzir “*macht*” como domínio, como fazer a tradução que envolve domínio ou dominação, no caso “*herrschaft*” ou “*beherrschung*”?

Disponibilizamos o que compreendemos estar na esfera da relevância científico-filosófico-teológica desse artigo, na medida de Nietzsche ser inicialmente um profundo crítico da ciência, exaltando a arte, para depois exaltar a ciência, sendo esta produzida com arte. Este Nietzsche cientista buscou construir uma base teórica para fundamentar sua hermenêutica sobre a vida, compreendida como uma constante luta de forças. Nessa esteira de pensar, temos com objetivo discutir a relação entre o Coronavírus e o conceito nietzschiano de vontade de poder. Assim, seguiremos aqui com a biologia, visando fundamentar a concepção de vontade de poder, compreendendo vida não como conservação, mas como firme disposição a ser mais, a expandir o poder, a domar o alheio e submeter o outro. Nesta seara é preciso compreender o que é um vírus e principalmente o modo como age. Assim, apresentamos a importância social desse artigo.

Inicialmente o vírus não é vida e o seu principal objetivo é não ter qualquer objetivo (MENEGUETTI; FACUNDO, 2020). Dito isso, ao ingressar no organismo, o vírus começa seu processo de descarregar sua força energética e sem qualquer controle funcional ou mesmo objetivo específico orgânico pois um vírus sempre precisa de uma célula para poder replicar seu material genético, produzindo cópias da matriz. Portanto, ele possui uma grande capacidade de destruir uma célula, pois utiliza toda a estrutura da mesma para seu processo de reprodução. Podem infectar células eucarióticas (de animais, fungos, vegetais) e células procarióticas (de bactérias). (SANTOS, 2002). Seu descontrole

potencial leva a sua própria destruição caso alcance a destruição plena de toda organização celular existente e que ele possa escravizar e controlar. Seu fim, sem controle, é a destruição da vida e de sua própria existência orgânica a que possa infectar. Vattimo assim se refere à estética fisiológica nietzschiana:

[...] É importante para a elaboração de uma imagem da existência no mundo pensado como vontade de poder, ou seja, como carente de fundamentos, estruturas estáveis, essências, garantias de qualquer espécie. É preciso lembrar constantemente que o apelo à força, à saúde, etc., responde, em Nietzsche, apenas à demanda de encontrar critérios de avaliação capazes de distinguir o valor das interpretações (que são as únicas que constituem o mundo) sem referir-se a estruturas essenciais, a elementos finais de uma natureza necessariamente metafísica¹ (VATTIMO, 2001, p.160, tradução nossa).

Vattimo afirma que o tripé formado por “valor”, “vida” e “vontade de poder” não poderiam consistir em estruturas estáveis, como também não são alocadas somente a ética. Desta forma, ao se buscar conhecer o mundo e a verdade, a relação entre valor, vida e vontade de poder é asséptica, devendo-se acrescer a esse tripé a existência. Nesta perspectiva – percebendo-a como necessária, pois ela é a condição fundamental de toda a vida -, entendemos que o mundo, tal como o conhecemos é um fruto de como o organizamos e assim a vida vai se construindo pela via da oposição das vontades de poder que se asseveram a partir de diferentes perspectivas. No que tange a luta pela existência, Nietzsche (2006, p.71) diz que “Ela ocorre, mas como exceção; o aspecto geral da vida não é a carência, a fome, mas ao contrário abundância, até mesmo o absurdo do desperdício.” Neste sentido, a luta pela existência não ocorre em torno da sobrevivência, mas da vontade de poder, e esta ao efetivar-se tanto no mundo orgânico como inorgânico torna-se um procedimento que não cessa, em que uma complexidade de forças (re)arrumam por um dado tempo, em permanente luta de ampliação de seu próprio domínio. (MARTON, 2011)

Ao aqui estarmos se faz necessário afirmar que em Nietzsche a vontade de poder é uma hermenêutica (interpretação, explicação e compreensão) mais ampla que a seleção natural de Charles Darwin, ou seja, tem-se o aumento indiscriminado de poder. É importante destacar o caráter epígono da ciência, que chega depois, pois não é um dado primário, como se fosse um fenômeno em si, sendo que “todo o antes é um depois e todo depois um antes, e qualquer instante é um início” (KURY, 2003, p.44).

Nessa epigonicidade² da ciência, em Nietzsche o conceito de vontade de poder busca elementos na biologia e do eterno retorno na física. Entendemos a partir de Nietzsche, que a vontade de poder, seja no mundo orgânico ou inorgânico, provoca e ocorre um deflagar uma luta entre todos os envolvidos. A luta é *polemos* e para que ocorra são necessários antagonistas e, dado a sua inevitabilidade, não se pode aludir à destruição total dos beligerantes. Vida, em Nietzsche, é “vontade de poder”. O orgânico entra em deterioração e acaba subsumindo no inorgânico, ou seja, em Nietzsche inexistente traço de distinção essencial. Assim entendendo, o orgânico e o inorgânico participam do

¹ “[...] es importante para la elaboración de una imagen de la existencia en el mundo pensado como voluntad de poder, o sea como carente de fundamentos, estructuras estables, esencias, garantias de cualquier tipo. Es preciso recordar constantemente que el apelar a la fuerza, a la salud etc., responde, em Nietzsche, sólo a la exigência de hallar criterios de valoración capaces de distinguir el valor de las interpretaciones (que son las únicas que constituyen el mundo) sin referirse a estructuras esenciales, a elementos últimos de índole necesariamente metafísica.”

² Representante da geração seguinte; descendente. Na botânica é a camada celular da coifa do arquídio dos musgos. Dicionário infopédia da Língua Portuguesa [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2020. Disponível em <<https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/ep%C3%ADgono>> Acessado em 15/11/2020

mesmo princípio, pois em ambos a vontade de poder é um acontecer. Pensando dessa maneira, não se faz muito sentido a diferenciação entre essas duas dimensões. Sendo o orgânico e inorgânico submetidos ao mesmo princípio, ou seja, à vontade de poder, temos um jogo de forças em constante luta de opostos, um *polemos* (LUIZ, 2020)!

Esse *polemos*, ou essa força, não é provida de qualquer intencionalidade ou finalidade, assim:

A passagem do mundo inorgânico ao mundo orgânico consiste em ir das percepções exata dos calores, das forças e das relações de potência às percepções incertas, indeterminadas – porque uma pluralidade de seres em luta entre si (os protoplasmas) se opõe ao mundo exterior. (NIETZSCHE apud MARTON, 2011, p.122)

O *polemos*, a luta constante entre opostos, as forças em permanente combate são um traço essencial tanto no mundo orgânico como também no inorgânico, em que essas duas dimensões se constituem como forças em interação. Esta força não tem possibilidade de não ser exercida. Não pensar desse jeito significa a existência de intencionalidade, que não é o caso em pauta e, ainda mais, um posicionamento antropomórfico, que também não é o que se vigora na perspectiva da vontade de poder. Neste sentido, entendemos que a vontade de poder é intrínseca à força e esta ao vir-a-ser-mais-forte, choca-se em outras que a ela resistem sendo inevitável o combate, o *polemos*, a luta por mais poder. Nesta compreensão dizemos que tudo que existe, seja na dimensão orgânica ou inorgânica, é constituído por forças que operam e lutam entre si de maneira ininterrupta, onde efetivamente, nada é fixo, existindo tão somente o vir-a-ser.

O poder do biológico

O Vírus encontra a primeira célula a ser dominada. Ao acontecer isso, a célula é (re)programada para reproduzir réplicas virais. Neste ponto tem início o processo exponencial de infecção de novas células. As primeiras células dominadas, agora infectadas pela ação virótica chegam no sistema respiratório, os pulmões (JUNQUEIRA; CARNEIRO, 2016). Precisamos desenvolver a compreensão de que caos e cosmo são indispensáveis na constituição orgânica e inorgânica, entendendo que o mundo é um caos perene e qualquer perspectiva de modelo, resolução ou objetivo é apenas antropomorfismo. (YOUNG, 2014, p.575).

Cronologicamente, antes de chegar aos pulmões, a estrutura viral já havia, muito provavelmente dominado, ou seja, infectando as hemácias do sangue. Já nos pulmões, a dominação/infecção das hemácias é potencializada. Temos aqui o primeiro problema severo, pois o sistema imunológico ordena um ataque para combater o invasor do pulmão: o vírus (LI et al, 2020). Mas este ataque compromete a superfície de troca gasosa, em razão do excesso de mecanismos de defesa para combater simultaneamente o vírus e a infecção. Um tipo de glóbulo branco na superfície dos alvéolos, são outro mecanismo de defesa dos pulmões. Por causa das necessidades das trocas gasosas, os alvéolos não estão protegidos por muco e cílios — o muco é muito espesso e diminuiria a velocidade da passagem de oxigênio e de dióxido de carbono. No lugar delas, macrófagos alveolares procuram partículas depositadas, se ligam a elas, as ingerem, matam aquelas que estão vivas e as digerem. Quando os pulmões são expostos a ameaças sérias, podem ser recrutados glóbulos brancos adicionais na circulação, principalmente os neutrófilos, para ajudar a ingerir e matar os patógenos. Por exemplo, quando a pessoa inala uma grande quantidade de poeira ou está combatendo uma infecção respiratória, são produzidos mais macrófagos e são recrutados mais neutrófilos (DEZUBE, 2019). Enquanto isso, mais e mais hemácias são dominadas e destruídas.

Neste jeito de compreender, chega-se ao segundo grande problema: no interior das hemácias existe a hemoglobina e, esta tem como uma de suas principais funções o transporte do oxigênio para os mais diversos tecidos do corpo. A hemoglobina é afetada indiretamente pelo vírus, destruindo a estrutura que protege o íon ferro, que o impede de ser solto no organismo, liberando-o. O íon ferro é o responsável pela afinidade com o oxigênio, e sem ele não há combinação da hemoglobina com o oxigênio e nem mesmo com o CO₂ quando do retorno dos diversos tecidos (epitelial, conjuntivo, muscular e nervoso)³ para os pulmões (JUNQUEIRA; CARNEIRO, 2016). O íon ferro é considerado um invasor para o organismo humano na sua forma livre e quando fica livre da hemoglobina ele estaria livre e solto no pulmão. O organismo humano entende o íon ferro como um novo invasor e aciona mais mecanismos de defesa a nível pulmonar para neutralizar mais este invasor e inunda mais uma vez os pulmões com novos defensores comprometendo ainda mais as superfícies de contato pulmonar e diminuindo ainda mais as áreas de troca gasosa. (SUGITA, 2018)

Aqui poderíamos abordar a questão da imunidade e suas complicações! Mas não vamos discutir isso por aqui. Mas vale pensar sobre isso, entendendo que o pensar é uma necessidade, enquanto o opinar é uma recreação das ideias, mas esta pode ter consequências inimagináveis. Para Mirko Wischke (2014, p.440), no “Léxico de Nietzsche”, o filósofo alemão trabalha o pensar considerando “aquilo que tenciona fundamentar a partir do horizonte do respectivo uso da linguagem, mas sem estar consciente dessa dependência e dessa perspectividade.” Nesse sentido a questão que salta aos olhos é: até que ponto algo é real?

Ao tocar sobre esse real, nos damos conta de um vírus, no nosso caso, o coronavírus. Enquanto isso ocorre, a quantidade de hemoglobina sadia no sangue vai paulatinamente diminuindo, comprometendo a troca gasosa a nível dos alvéolos pulmonares. Com a diminuição da hemoglobina no sangue, diminui também o processo de respiração intracelular nos tecidos por deficiência de oxigênio na quantidade adequada. (RAMOS, 2017)

Além disso, o processo de remoção de CO₂ pela hemoglobina ao nível dos tecidos é igualmente comprometida. Numa situação normal 7% do CO₂ dos tecidos é removido pelo plasma, 23% pela hemoglobina e 70% na forma de íons bicarbonatos. Com a deficiência de remoção de CO₂ pela hemoglobina, esta vai se acumulando de forma inadequada nos tecidos e no sangue, provocando uma diminuição do Ph do sangue. (JUNQUEIRA; CARNEIRO, 2016)

O Ph do sangue deve ser controlado numa função de controle ácido-base. O sangue deve apresentar um Ph em torno de 7,4 e de 7,35. Mas este parâmetro tem dificuldades de ser mantido em razão da deficiência de O₂ no sangue e aumento de concentração de CO₂, que diminui o Ph do sistema sanguíneo (ARISTIZÁBAL-SALAZAR; CALVO-TORRES, 2015).

Percebemos aqui a presença de mais um problema, que precisamos entender conceitualmente: Quando praticamos atividades físicas intensas acima dos limites de cada indivíduo, um dos resultados é a liberação de ácido láctico⁴, o que diminui o Ph de forma provisória. Essa diminuição do Ph do sangue é um sinal de alerta para que o organismo libere mais oxigênio para os músculos, que se supõe estariam exauridos pela alta demanda energética. (ABCMED, 2016)

³ GOEDERT, Elciana. Objetos Digitais de Aprendizagem: auxílio na compreensão das noções básicas de Citologia e Histologia no Ensino Fundamental. Secretaria de Educação do Estado do Paraná. 2013. Disponível em <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernos/pdebusca/producoes_pde/2013/2013_utfpr_cien_pdp_elciana_goedert.pdf> Acessado em 25 de novembro de 2020.

⁴ O ácido láctico é o produto final da metabolização anaeróbica da glicose nos tecidos. Na eventualidade da carência de oxigênio, o ácido láctico é produzido como o ciclo anaeróbico é utilizado para a produção de energia. O lactato sai das células e é transportado para o fígado, onde é oxidado de volta à glicose. Seu excesso representa aumento do metabolismo anaeróbico devido à hipoperfusão tecidual. Com um débito persistente de oxigênio tem-se a acidose láctica (ABCMED, 2016).

Continuando nessa linha, com a diminuição do Ph do sangue, o organismo começa a entender que precisa liberar mais oxigênio para os tecidos musculares de forma contínua pois o Ph do sangue não consegue voltar ao normal pelo desequilíbrio ácido-base que estaria em curso. O organismo pode começar a entender que a diminuição do Ph do sangue ocorre via liberação do ácido láctico que diminui o Ph em condição de estresse muscular, entretanto, isso é uma aparência, não sendo real. Mas mesmo assim, o oxigênio pode ser ofertado potencialmente aos tecidos musculares, que supostamente não estariam necessitando desta dose extra. (ABCMED, 2016)

Sendo assim, pela liberação de O₂ no tecido muscular, aliado a falta de hemoglobina para transporte de O₂ e CO₂, os órgãos vitais do organismo tais como, fígado, rins (que pode provocar acidose metabólica)⁵, coração, intestino, sistema nervoso, iniciam um processo de desestabilização pela deficiência cada vez maior de O₂ e pela concentração de CO₂ em suas estruturas. Esses fatores podem contribuir com a acidose láctica.⁶

Entendemos que a luta, o *polemos* está estabelecida e, tudo isso pode ocorrer antes mesmo do corpo apresentar sinais de enfermidades respiratórias. Os órgãos desse corpo podem ser seriamente comprometidos antes mesmo dos primeiros problemas respiratórios graves. Todo esse processo de degradação pode ser potencializado para portadores das seguintes enfermidades: doenças respiratórias, doenças cardíacas, anemias, diabetes e doenças hepáticas. (OPAS, 2020)

Vamos abortar aqui, deixando de lado os comentários sobre as doenças cardíacas e respiratórias que podem comprometer ainda mais os infectados pelo COVID-19, indo direto aos portadores de doenças hepáticas: o fígado é o segundo maior órgão do corpo humano depois da pele. Ele exerce mais de 200 funções no corpo humano, sendo as principais o auxílio na digestão de alimentos, produção de bile (substância que atua na digestão de gorduras), a síntese de colesterol e a metabolização dos elementos nocivos de alguns alimentos, como bebidas alcoólicas, café e gorduras. (OPAS, 2020)

Estando o fígado já comprometido previamente pelo seu mal funcionamento, a deficiência de oxigênio para ele coloca em risco acentuado o corpo humano, pois a metabolização da gordura é comprometida e a síntese de colesterol também é comprometida, por exemplo. Esse desequilíbrio pode prejudicar de sobremaneira o organismo humano de forma integral, podendo causar sucumbências e falências orgânicas pelo acúmulo acentuado de elementos tóxicos no organismo pois os mesmos não estariam sendo metabolizados na proporção adequada para a manutenção da vida. Sendo assim, poderia ser observado uma espécie de intoxicação orgânica interna. (RAPOSO, 2002)

Ainda, há um outro tema a ser abordado na relação entre infecção no organismo e o fígado. No sangue, ainda é possível verificar a presença de uma proteína chamada albumina. Ela tem funções no transporte de metais, lipídeos e bilirrubina, bem como papel na imunidade (ABCMED, 2016). Existem evidências e estudos que apontam que há uma correlação negativa entre a concentração de albumina e globulinas. Desta forma, haveria um incremento nas globulinas devido a estados infecciosos, o que inibiria a síntese de albumina no fígado como mecanismo compensatório para manter constante o nível proteico total e, portanto, a pressão osmótica sanguínea. Por outra parte, numa disfunção hepática, o

⁵ Há dois tipos de acidose: respiratória e metabólica. A acidose respiratória ocorre quando o gás carbônico (CO₂) acumula-se no corpo em virtude de alguma patologia pulmonar. Já a acidose metabólica começa nos rins, em vez de nos pulmões. Ela ocorre quando esses órgãos não podem eliminar o ácido de maneira eficiente ou quando eles eliminam um excesso de base. Existem três principais formas de acidose metabólica: (1) acidose diabética em pessoas com diabetes mal controlado; (2) acidose hiperclorêmica, devido a uma perda de bicarbonato de sódio; (3) acidose láctica, devido a um excesso de ácido láctico no corpo (ABCMED, 2016).

⁶ A acidose láctica ocorre quando as células do corpo não têm oxigênio em nível suficiente para seu uso e então produzem o ácido láctico a partir de hidratos de carbono, o qual se acumula no sangue, causando acidose. Algumas condições médicas são fatores de risco para a acidose láctica: distúrbios renais e pulmonares, doenças do fígado ou do coração, diabetes, câncer, síndrome da imunodeficiência adquirida, certas doenças genéticas e o uso de alguns medicamentos (ABCMED, 2016).

nível de albumina cai e o de globulinas aumenta. Podemos perceber um desastre em curso dentro de um indivíduo. Algumas enfermidades podem surgir, tais como: escarlatina, artrite reumatoide juvenil e síndrome inflamatória multissistêmica pediátrica associada à COVID-19. (ABCMED, 2016).

Já a anemia, é uma enfermidade que tem como sua característica marcante a diminuição de hemoglobina sadia no sangue, atribuída principalmente pela deficiência de ferro no organismo. Sendo assim, a depender do grau avançado da anemia, a deficiência de O₂ no organismo para garantir a respiração intracelular poderia ser ainda mais incrementada, e antes mesmo de uma aceleração acentuada de uma enfermidade respiratória nos pulmões, por conta do COVID-19, poderia ocorrer uma falência antecipada de qualquer outro órgão vital do corpo humano (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2015), sendo o corpo uma prisão e a terra um lugar de exílio. (NIETZSCHE apud YOUNG, 2014)

Temos a diabetes como uma enfermidade de grande relevância para a potencialização dos efeitos do COVID-19. Segundo a sociedade Brasileira de diabetes, hoje, no Brasil, há mais de 13 milhões de pessoas vivendo com diabetes, o que representa 6,9% da população. E esse número está crescendo, podendo ser muito maior. Em alguns casos, o diagnóstico demora, favorecendo o aparecimento de complicações. Pode ser que você ou alguém próximo tenha diabetes. Nossos péssimos hábitos alimentares potencializam muito o surgimento dessa enfermidade sem dar qualquer sinal de advertência. Esta é uma doença silenciosa. Fortes evidências sugerem que os pacientes com anemia têm um aumento da mortalidade no acidente vascular cerebral (NEWS.MED.BR, 2016).

Entretanto um dos problemas a ser destacado sobre esta enfermidade é que ela apresenta como um de seus efeitos a deficiência da circulação do sangue no organismo humano. Assim, com o COVID-19 já influenciando o processo integral de respiração, a deficiência de circulação sanguínea, onde estão as hemoglobinas responsáveis por transportar o O₂, compromete ainda mais a necessária presença de oxigênio nos tecidos e que o CO₂ seja removido. Tudo está intimamente ligado em laços de interação e de luta constante, permanente, num jogo de forças, atendendo à vontade de poder. Importante notar que existe uma sucessão de acontecimentos e esta sucessão constitui-se pela contraposição de uma multiplicidade de forças.

Por fim, muitas pesquisas recentes vêm destacando que uma das consequências da infecção do COVID-19 é a coagulação interna do sangue⁷. Via de regra a coagulação sanguínea é um processo biológico de extrema importância quando do surgimento de paredes danificadas de vasos sanguíneos. Durante o processo, chamado de coagulação, a parede do vaso sanguíneo que foi rompido é coberta por um coágulo de fibrina visando parar o sangramento e ajudar a reparar o tecido danificado. Neste sentido, a coagulação sanguínea faz parte do processo natural do corpo de cicatrização. No entanto, este processo pode ser potencializado no interior do sangue, provocando coágulos internos, em decorrência de algumas condições de saúde específicas, tais como: arteriosclerose e aterosclerose; arritmia cardíaca; insuficiência cardíaca; obesidade; doença arterial periférica; sessão prolongada ou repouso (por exemplo para aqueles que estejam em UTI entubados); embolia pulmonar; tabagismo, dentre outros. (CAGNOLATI *et al*)

Esses coágulos potencialmente produzidos podem agarrar-se firmemente a um vaso sanguíneo, obstruindo-os parcial ou totalmente. Isso prejudica o fluxo normal de sangue e de oxigênio. Mais uma

⁷ A **coagulação** sanguínea se dá por uma sequência de eventos químicos e plaquetários (plaquetas são fragmentos celulares oriundos de células chamadas megacariócitos, as quais são originadas na medula óssea) que resultam na formação de um coágulo de fibrina que faz a hemostasia (cessação do sangramento) e ajudam a parar o sangramento e a reparar o tecido danificado. Os componentes da **coagulação** incluem as plaquetas, os vasos sanguíneos e as proteínas da **coagulação do sangue**, entre outras coisas. A **coagulação** se dá pela ativação dos chamados fatores de **coagulação**, numerados por algarismos romanos, de I a XII, a qual se faz por duas vias: A qual se faz por duas vias: uma intrínseca, que ocorre no interior dos vasos sanguíneos quando o **sangue** entra em contato com regiões da parede do vaso com alguma lesão, e outra extrínseca, quando o **sangue** extravasa dos vasos para os tecidos conjuntivos, no que se usa chamar "cascata da **coagulação**" (ABCMED, 2016).

vez o transporte do oxigênio pode ser corrompido podendo causar sérias complicações de saúde, como: Embolia pulmonar, quando um êmbolo fixa-se a uma artéria do pulmão; Trombose, que é a obstrução de um ou mais vasos sanguíneos; Acidente vascular cerebral (AVC), quando um coágulo de sangue fixa-se a um vaso do cérebro; Isquemia, que é a falta de suprimento sanguíneo e oxigênio para um tecido devido à obstrução causada por um coágulo. (OPAS, 2019)

O poder deicidal

Referenciados pôr o que se pode denominar de uma esperança, um desejo, e em outro sentido uma saída, uma busca e até mesmo uma transgressão, Nietzsche criou o conceito do eterno retorno. É um conceito lançado em “A Gaia Ciência” (2017), no aforismo 341 e explicitado em “Assim falou Zaratustra” (2011).

Ao todo a expressão “eterno retorno” aparece em quatro momentos em “Assim falou Zaratustra”, sendo que além de uma característica anunciativa, possui uma característica pedagógica, que é ensinar o eterno retorno: “sabemos o que ensinas: que todas as coisas eternamente retornam, e nós mesmos com elas, e que eternas vezes já estivemos aqui, juntamente com todos as coisas.” (NIETZSCHE, 2011, p.211). No entanto essa possibilidade apresenta uma aporia, pois: “se tudo retorna tal como é, não posso saber e por isso também não posso ensinar que tal coisa retorna. A doutrina suprime-se a si própria como doutrina – se ela é verdadeira, então não se pode doutriná-la.” (STEGMAIER, 2013, p.171). Como ser o que se é, é sempre uma eterna superação de si mesmo, nunca se chega ao que se é, pois este “é” é um processo, é um eterno retorno, sendo sempre um desejo de refazer o que já foi feito ao viver, como se tivesse de viver tudo de novo. Degustemos as palavras de Nietzsche no aforismo 341 de “A Gaia Ciência”:

E se um dia, ou uma noite, um demônio lhe aparecesse furtivamente em sua mais desolada solidão e dissesse: *“Esta vida, como você a está vivendo e já viveu, você terá de viver mais uma vez e por incontáveis vezes; e nada haverá de novo nela, mas cada dor e cada prazer e cada suspiro e pensamento, e tudo o que é inefavelmente grande e pequeno em sua vida, terão de lhe suceder novamente, tudo na mesma sequência e ordem – e assim também essa aranha e esse luar entre as árvores, e também esse instante e eu mesmo. A perene ampulheta do existir será sempre virada novamente – e você com ela, partícula de poeira!”* – Você não se prostraria e rangeria os dentes e amaldiçoaria o demônio que assim falou? Ou você já experimentou um instante imenso, no qual lhe responderia: *“Você é um deus e jamais ouvi coisa tão divina!”*. Se esse pensamento tomasse conta de você, tal como você é, ele o transformaria e o esmagaria talvez; a questão em tudo e em cada coisa, *“Você quer isso mais uma vez e por incontáveis vezes?”*, pesaria sobre os seus atos como o maior dos pesos! Ou o quanto você teria de estar bem consigo mesmo e com a vida, para não desejar nada além dessa última, eterna confirmação e chancela. (grifos no original)

A proposta nesse momento é visitar esse aforismo em três perspectivas: científica, filosófica, ética.

Sob a perspectiva científica, pode-se pensar esse aforisma num viés cosmológico. Deste modo, ele aponta para a inexistência de um caráter teleológico para o universo, ou seja, o universo não tem fim, é um eterno processo de expansão e contração, como inclusive abordam alguns modelos cosmológicos. (STEINER, 2006)

Pelo viés ético, intuímos que por um número infinito de vezes tudo se repete e isto proporciona um sempre inacabamento. Tudo que acontece na vida do ser humano estaria sempre se repetindo. Ao ter consciência dessa eterna repetição, cada ser humano tem a possibilidade de escolher fazer algo de

diferente, escolhendo, pois, algo que, já que vai se repetir eternamente, seja uma repetição que lhe traga sempre felicidade. Em lugar de se ter um círculo vicioso, o que se tem é um círculo virtuoso, pois a cada momento de vida pode acontecer uma modelagem sob o ponto de vista estético, que revela o eterno retorno, pois entendemos que o ser humano no curso da sua história esteve sempre envolvido na construção de si mesmo, ou seja, de si construir numa séria interminável e plural de subjetividades distintas que jamais alcançam um final.

Olhando para a perspectiva filosófica, nos reportamos ao viés da existência, pois o círculo em si mesmo não diz nada. Entretanto, de forma paradoxal e transgressora ele carrega eternamente uma mensagem. Qual é essa mensagem? O sentido da existência é de ser existência. Ainda nessa seara, no caso da filosofia, Nietzsche expressa no eterno retorno o viés de que ao desejarmos algo, esse algo que acontece e que é fruto do nosso desejo, vai estar retornando sem parar. Nesse sempre retornar estamos cativos de um destino. Eis o *amor fati*, o amor ao destino:

Amar o destino não exige que se tenha uma atitude resignada diante dele ou a ele submissa. Tampouco permite que nele se façam recortes ou se procedam a exclusões. Ao contrário! Assentir sem restrições a todo acontecer, admitir sem reservas tudo o que ocorre, anuir a cada instante tal como ele é, é aceitar de modo absoluto e irrestrito tudo que advém “sem desconto, exceção ou seleção”; é afirmar a vida no que ela tem de mais alegre e exuberante, mas também de mais terrível e doloroso. (MARTON, 2000, p.66)

Sem resignações, submissões, exclusões ou restrições, o que é importante é viver a vida em tudo que ela possibilitar, desde a exuberância alegre até a dor terrível. Viver tragicamente é a possibilidade que se deve assumir, pois “a vida será sempre injusta com o indivíduo a quem só resta a desoneradora comunhão com o processo da vida como um todo” (SAFRANSKI, 2011, p. 91-92). Um Deus exuberante e abundante onde Nietzsche descobre o eterno retorno e revela a todo instante no texto:

Tudo vem, tudo retorna; rola eternamente a roda do ser. Tudo morre, tudo volta a florescer, corre eternamente o ano do ser. Tudo se rompe, tudo é novamente ajeitado; eternamente constrói-se a mesma casa do ser. Tudo se despede, tudo volta a se saudar; eternamente fiel a si mesmo permanece o anel do ser. Em cada instante começa o ser; em redor de todo Aqui rola a esfera Ali. O centro está em toda parte. Curva é a trilha da eternidade. (NIETZSCHE, 2011, p.208-209)

Todos os seres humanos estão no anel do ser. Não há como se furta do movimento, que é curvo. Todos pertencemos à tragédia, tudo retorna sempre tragicamente, e segundo Young “a palavra de Nietzsche para expressar ‘retorno’, *‘Wiederkunft’*, possui certa aura religiosa. Os cristãos referem-se ao *‘Wiederkunft’ de Cristo*, a ‘segunda vinda’.” (YOUNG, 2014, p.385). Para além disso “desde a eternidade [Cristo] nasce, sempre nasce.” (LUTERO apud WESTHELLE, 2008, p.43). O Cristo é o Messias. O sempre esperado e desejado. Aquele que se espera que venha e continue sempre a vir, retornando eternamente. Isto significa um amor a vida, que sendo sagrada, divina, não se deseja que venha a desaparecer. Sendo isso verdade, o eterno retorno assegura a sua vigência. E ainda mais, garante a continuidade da vida em um mundo transitório que está sempre retornando. Deus morreu, está morto e será morto! “A morte de Deus (na cruz de Jesus) foi uma morte no passado, é agora e será no futuro.” (WESTHELLE, 2008, p.44). Seja a morte na cruz de Jesus, seja a morte de Deus como uma constatação de Nietzsche, estamos diante de um deicídio. Nietzsche busca superar a surpreendente morte de Deus, pelo não menos surpreendente eterno retorno. O caminho trilhado por ele é imenso e no final de “Crepúsculo dos ídolos” afirma:

Com isso toco novamente no ponto do qual uma vez parti – O Nascimento da tragédia foi minha primeira tresvaloração de todos os valores: com isso estou de volta ao terreno em que medra

meu querer, meu saber – eu, o último discípulo do filósofo Dionísio – eu, mestre do eterno retorno... (NIETZSCHE, 2006, p.107)

Note-se que ele não diz ser discípulo do deus Dionísio, mas sim do filósofo Dionísio, de quem ele aprendeu e se tornou mestre do eterno retorno. Para Nietzsche o filósofo “é necessariamente homem de amanhã e de depois de amanhã, esteve sempre e sempre teve de estar em oposição ao seu hoje.” De Dionísio ele constrói o conceito de dionisiaco, de trágico, que acompanha e se mescla ao longo de sua obra. O dionisiaco inclui sem dúvida o conceito de *Übermensch* e do eterno retorno. O deus Dionísio é um deus estranho, como é estranho também o conceito de dionisiaco. É um conceito de um indivíduo, com grandes dificuldades de ser compreendido, inclusive por ser um deus que viveu e morreu várias vezes. Cristo possui essas características bem similares. Ficamos com a impressão e expressão: “o mundo visto por Nietzsche é a figura da repetição.” (ONFRAY, 2014, p.39) pois “o que aconteceu antes vai acontecer outra vez. O que foi feito antes será feito novamente. Não há nada de novo neste mundo” (Eclesiastes 1.9).

Para não concluir

Ao se buscar trabalhar em particular com esses conceitos nietzschianos precisamos logo de chofre trazer a máxima de que viver, para Nietzsche, é inventar. (NIETZSCHE, 2008, parágrafo 119). Fazemos uma distinção entre inventar e criar. Este último insinua um ato de produzir o novo no momento mesmo da criação cuja expressão acontece na conhecida *creatio ex nihilo*. Já inventar tem vínculo com o encontrar e o descobrir, e supõe a existência de elementos prévios que precisam ser rearrumados. Algo funciona aproximadamente na construção que faz Gounelle: “O que sou nasce das redes de relações que tecem a minha existência.” (GOUNELLE, 2011, p.81). Como são interessantes os filósofos! Eles se situam diante do mundo fenomênico, tal qual diante de um livro pronto. Tendo feito a leitura, se colocam a interpretar corretamente o livro, para assim tirar conclusões sobre o autor que o escreveu.

A vontade de poder trabalha uma hermenêutica ao constituir o mundo como uma relação entre campos de força instáveis e em constante conflito e autoconfiguração. A este conceito nietzschiano, junta-se aqui o de eterno retorno e assim temos que:

Iniciando sua argumentação, Scarlett Marton cita um fragmento do ano de 1885, no qual se evidenciaria a correlação entre os dois conceitos, o de vontade de poder e do eterno retorno, posto que o mundo, segundo o filósofo, seria “um mar de forças” que se transforma eternamente, retorna eternamente. O vínculo entre ambas seria feito, como se evidencia naquela passagem, pela teoria das forças, que é tomada nesse contexto por seu caráter polêmico. Pela contraposição que representa em relação a algumas teorias conhecidas da época, em especial à ideia de entropia e à segunda lei da termodinâmica. Nesse sentido, é ressaltada a ideia do filósofo de que as forças seriam finitas e se correlacionariam entre si num tempo infinito, configurando um universo que não se ampliaria e nem atingiria uma finalidade, pois, se houvesse essa finalidade, com o tempo infinito e as combinações finitas entre as forças, ela já teria sido atingida. (PASCHOAL, 2018)

Olhar para esse campo de força, ao qual se compõe ininterruptamente, em expressão de relações de forças, requer a observação exclusiva da interpretação. Aquela composta pela mirada insubordinada às ideias valorativas sobre a existência, as quais se fundamentam na concepção de que todo conhecimento está, por um lado, condicionado por alguém que conhece e, por outro lado, por aquilo que ele conhece. Destarte, é preciso a imersão em “águas mais profundas” para compreender

que o conhecimento é sim condicionado, pois, se depreende aqui, de uma maneira não conhecida, o que revela só ser possível a sua visada, com a abstração da sua incomensurabilidade.

Pensar neste apontamento, significa entender que o campo de forças é composto de particularidades aguerridas, não existindo, assim, uma distribuição com estabilidade de forças, nem conformações distintas: o ato de cada particularidade faz invariavelmente estourar as distribuições existentes. Inexistem simetrias ou proporções: o campo é, em sua totalidade, extravagante. Existem apenas forças, peregrinas de poder, lutando pela superioridade. Cada força é, em princípio, um centro impulsivo buscando uma composição problemática: dominar as outras, incorporá-las, desenvolver às expensas delas, acrescentando, assim, o campo típico de dominação, tal é o impulso de cada particularidade em conflito.

A falta de medida ou captação da expressão exata, posto que frente à esse incomensurável temos que nos reconhecer como parte de um todo, ao qual nunca tomamos, reverbera "a verdadeira essência das coisas", uma vez que (...) "a coisa em si nos é desconhecida". (YOUNG, 2014, p.104)

Ao margear essas considerações, destacamos que o pretendido fora alcançado em desvelamentos reflexivos, que se apresentam por meio de um conhecimento perspectivado. Vale retomar que "tudo o que existe é um olhar em perspectiva, um conhecimento em perspectiva." (NIETZSCHE apud YOUNG, 2014, p.584)

Sob essa ótica, esse conhecimento fora produzido neste trabalho, de modo dialógico, singrando por mares pouco navegados. O percurso construtivo apresentado, que caminhou via o conceito de vontade de poder nietzschiano, tratando desde o poder biológico ao poder deicida, em nosso entendimento, buscou tratar sobre a ação virótica, cotejando pontos à abordagem do fenômeno Sars-Cov-2 e suas interfaces - construídas em suas múltiplas possibilidades interpretativas - e, como objetivamos, bordejamos por meio de pontuações deicidas, o anúncio do mundo de repetições, no qual o maior aprendizado se encontra na força do renascimento da vida, como uma constante que não possui enodamento com a sacralização do poder criado, mas antes criador, em sua inexorabilidade divina.

Para não concluir e, sim, perspectivar novas e sempre maiores aproximações dialógicas orientadas pelo desejo de saber, nesta seara de produção de conhecimento, por concepções discursivas sobre a vida e a vontade de poder, firmamos em aberto o texto para novas e, tão logo, próximas incursões, haja visto que são esses os movimentos, tal qual a do vírus, que são prenes da verdade como vontade de potência.

Referências

ABCMED, 2016. **Acidose láctica** - características, causas, diagnóstico e tratamento. Disponível em: <https://www.abc.med.br/p/sinais.-sintomas-e-doencas/1275478/acidose-lactica-caracteristicas-causas-diagnostico-e-tratamento.htm>. Acesso em: 20 jul. 2020.

ARISTIZÁBAL-SALAZAR, Raúl E., CALVO-TORRES, Felipe. Revista Colombiana de Anestesiología, **Equilíbrio ácido-base: a melhor abordagem clínica**. Volume 43, Issue 3, Julho - setembro de 2015.

Bíblia de Estudo NTLH. Barueri, São Paulo. Sociedade Bíblica do Brasil. 2005.

CAGNOLATI, Daniel et al. **HEMOSTASIA E DISTÚRBIOS DA COAGULAÇÃO**. Disponível em https://sites.usp.br/dcdrp/wp-content/uploads/sites/273/2017/05/hemostasia_revisado.pdf. Acessado em 22 de novembro de 2020.

DEZUBE, Rebecca. **Controle da Respiração**. Manual MSD – Versão Saúde para a Família. 2019. Disponível em: <https://www.msmanuals.com/pt/casa/dist%C3%BArbios-pulmonares-e-das-vias-respirat%C3%B3rias/biologia-dos-pulm%C3%B5es-e-das-vias-a%C3%A9reas/controle-da-respira%C3%A7%C3%A3o>. Acessado em 26 de Novembro de 2020.

Dicionário infopédia da Língua Portuguesa [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2020. Disponível em: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/linguaportuguesa/ep%C3%ADgono>. Acessado em 15/11/2020

GOEDERT, Elciana. **Objetos Digitais de Aprendizagem: auxílio na compreensão das noções básicas de Citologia e Histologia no Ensino Fundamental**. Secretaria de Educação do Estado do Paraná. 2013. Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2013/2013_utfpr_cien_pdp_elciana_goedert.pdf. Acessado em 25 de novembro de 2020.

GOUNELLE, André. **Deus inventado e inventor**. in GIRARD, René; GOUNELLE, André; HOUZIAUX, Alain (Orgs.). René Girard: Deus uma invenção? Tradução de Margarita Maria Garcia Lamelo. Realizações Editora. São Paulo, 2011.

JUNQUEIRA, L.C., CARNEIRO José. **Biologia Celular e Molecular**. Editora Guanabara Koogan, Rio de Janeiro, 2016.

KURY, Mário da Gama. **Dicionário de Mitologia grega e romana**. 7ª Edição. Rio de Janeiro: Jorge Zagar Ed., 2003.

LUIZ, Felipe. **Uma reflexão introdutória sobre o polemos no fr. 53 dK de Heráclito**. 2020. Disponível em: <https://hypnos.org.br/index.php/hypnos/article/view/608/611>. Acesso 20 nov. 2020.

MARTON, Scarlett. **Da biologia à física: vontade de potência e eterno retorno do mesmo. Nietzsche e as ciências da natureza**. In: BARRENECHEA, Miguel Angel de [et al.] Nietzsche e as ciências. Rio de Janeiro: 7letras, 2011

MARTON, Scarlett. **Extravagâncias: Ensaio sobre a filosofia de Nietzsche**. São Paulo: Discurso e Unijuí, 2000.

MENEGUETTI, Dionatas Ulises de Oliveira; FACUNDO, Valdir Alves. **Vírus ser vivo ou não? Eis a questão!** 2020, Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/epidemiologia>. Acessado em 20 de novembro de 2020.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Programa Nacional de Suplementação de Ferro: manual de condutas gerais. Anemia**. 2015. Disponível em: <http://bvsmms.saude.gov.br/dicas-em-saude/431-anemia>. Acessado em 23 de novembro de 2020.

NEWS.MED.BR, 2016. **Qual o impacto dos níveis de hemoglobina e da anemia sobre a mortalidade no AVC agudo?** Disponível em: <https://www.news.med.br/p/medical-journal/1274503/qual-o-impacto-dos-niveis-de-hemoglobina-e-da-anemia-sobre-a-mortalidade-no-avc-agudo.htm>. Acesso em: 20 jul. 2020.

WISCHKE, Mirko. Pensar. IN: NIEMEYER, Christian (Org.). **Léxico de Nietzsche**. São Paulo. Edições Loyola, 2014.

NIETZSCHE, Friederich. **Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém.** Tradução, notas e prefácio Paulo César de Sousa. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

NIETZSCHE, Friederich. **Crepúsculo dos Ídolos ou como se filosofa com martelo.** Tradução, notas e posfácio Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **A origem da tragédia.** Tradução Joaquim de Faria. 5 ed. São Paulo: Centauro, 2004.

NIETZSCHE, Friederich. **Aurora.** Tradução Carlos Antonio Braga. 2ª edição. Editora Escala: São Paulo, 2008.

NIETZSCHE, Friederich. **A Gaia Ciência.** Tradução Antônio Carlos Braga. São Paulo: Lafonte, 2017.

ONFRAY, Michel. **A sabedoria trágica: sobre o bom uso de Nietzsche.** Tradução Carla Rodrigues. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

OPAS. Folha informativa COVID-19 - Escritório da OPAS e da OMS no Brasil. 2020. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/covid19>. Acessado em 27 de Novembro de 2020.

OPAS. **Coágulo de sangue: Sintomas, Tratamentos e Causas.** 2019. Disponível em <Coágulo de Sangue: Sintomas, Tratamentos e Causas (opas.org.br). Acessado em 22 de novembro de 2020.

PASCHOAL, Antonio Edmilson. **O mundo como medida: o papel conferido por Scarlett Marton à cosmologia na interpretação da filosofia de Friedrich Nietzsche.** Cad. Nietzsche vol.39 no.2 São Paulo May/Aug. 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/2316-82422018v3902aep>. Acessado em 21 de julho de 2020

RAPOSO, Joseane Bonel. **Metabolismo e mecanismos de ação de compostos hepáticos.** Seminário de Bioquímica do Programa de Pós-graduação em Ciências da UFRGS. 2002. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/lacvet/restrito/pdf/xenobioticos.pdf>. Acessado em 23 de novembro de 2020.

RAMOS, Roberta Pulcheri. Como a anemia pode influenciar negativamente as trocas gasosas? 2017. Disponível em: https://www.scielo.br/pdf/jbpneu/v43n1/pt_1806-3713-jbpneu-43-01-00001.pdf. Acessado em 23 de Novembro de 2020

SAFRANSKI, Rudiger. **Nietzsche, biografia de uma tragédia.** Tradução de Lya Lett Luft. São Paulo. Geração editorial, 2011.p.91-92.

SANTOS, Norma Suely de Oliveira. **Introdução à Virologia Humana.** Editora Guanabara. Rio de Janeiro, 2002.

STEINER, João E. **A Origem do Universo.** 2006. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142006000300022. Acessado em 20 de novembro de 2020.

STEGMAIER, Werner. **As linhas fundamentais do pensamento de Nietzsche: coletânea de artigos.** Organização de Jorge Luiz Viesenteiner e André Luis Muniz Garcia. Petrópolis, Rio de Janeiro. Vozes, 2013.

SUGITA, Denis Masashi. **Fisiologia Respiratória**. Disponível em: <https://medpri.me/upload/texto/texto-aula-1080.html>. Acessado em 28 de Novembro de 2020

VATTIMO, Gianni. **Introducción a Nietzsche**. Barcelona: Península, 2001.

WESTHELLE, Vítor. **O Deus escandaloso: o uso e o abuso da cruz**. Tradução de Geraldo Korndorfer. São Leopoldo: Sinodal/EST; 2008.

LI, Yanbai et al. **Influenza virus glycoprotein-reactive human monoclonal antibodies**. Disponível em: www.elsevier.com/locate/micinf. Acessado em 20 de julho de 2020.

YOUNG, Julian. **Friederich Nietzsche: uma biografia filosófica**. Tradução Marisa Mota. 1ª edição. Rio de Janeiro: Forense, 2014.

Recebido em 30/07/2020

Aceito em 05/12/2020

Received 07/30/2020

Approved 12/05/2020